

morte de minha mãe, eu me perdi neste mundo protetor. Em minha solidão, no sótão da casa, me transformava em um musarinho. Durante anos foi meu animal totêmico.

Procurei, nos limites da floresta, um cantinho onde cavar uma cova. A entrada não devia ficar no nível do chão, mas na fenda de uma rocha ou em um tronco oco de árvore. Comecei a escavar a galeria, cada dia um pouco mais fundo. Tirava a terra para fora e espalhava-a para não deixar pistas.

Uma vez atingida a profundidade suficiente, cavei uma segunda galeria para cima, como saída de emergência. Em toda entrada deve-se pensar na saída; em todo caminho, no regresso. Já então sabia destas coisas. Tinha de trabalhar com calma e suma precaução; de cima o gavião ameaçava de dia, de noite, a coruja; no chão movem-se animais hostis, sobretudo as víboras — o musarinho sempre corre perigo. Tem de pagar por sua liberdade.

Uma vez cavadas as galerias, era preciso arrumar a casa. Tinha que ser uma habitação agradável, nem muito pequena, nem grande demais, de modo que também pudesse viver nela uma mulher, mesmo que até ali não pensasse nisto. Tampouco tinha de me preocupar com minha mãe; estava presente em qualquer parte, era a própria cova.

Concluído o quarto de dormir, de forma oval, cavei o corredor para a despensa, que era maior e abobadada. Com aquelas provisões, não tinha como temer a fome. Não podia me esquecer do lavatório. A limpeza do musarinho é proverbial. Ele não tem cheiro, como os outros ratos, e só na primavera se percebe seu almíscar. No inverno, a privada se encheria de montinhos negros. Eu havia pensado não só na ingestão dos alimentos, mas também em sua evacuação.

Construído o refúgio, havia que mobiliá-lo. Para um lugar em que durante os invernos me dedicaria a sonhar, seriam mais adequados os colchões de penas mais finas. Conhecia lugares em que já tinham sido selecionadas: os ninhos das carriças e dos trogloditídeos. Procurava-as quando ouvia o “si-si-si” das carriças. É um grito de chamada, quando sua cria alçou vôo. Espiava-as desde que iniciavam a construção do ninho. O musarinho se arrasta cautelosamente pelos ramos. Lá em cima eu encontrava as finas plumas que tinham arrancado, as fibras que tinham trazido. E recolhia meu imposto.

Na orla da floresta, os epítimos se elevavam acima das urtigas e das escabiosas. Formam pequenos colchões sedosos que secam nos primeiros dias do outono. Também daí eu sabia tirar partido; entrelancei-os no meu refúgio; além disso, acrescentei folhas de roseira silvestre e de roseira brava.

Trabalhava com entusiasmo; prendia os filamentos com os pés e ia tecendo-os com as mãos e a boca. A tarefa era fácil, mesmo no escuro. Quando os materiais são leves e agradáveis ao tato, o trabalho pode transformar-se em diversão; o prazer material se converte em espiritual.

Tal era minha disposição enquanto construía, e ela aumentou ainda mais quando caíram as primeiras nozes — com um ruído diferente de qualquer outro. Era como uma batida à porta, como um anúncio. Esta é a profecia que prefiro. Não promessas ocas, mas fenômenos, manifestações, pequenas moedas sólidas, coisas materiais. Sou como São Tomé: “Mostra-me tuas chagas!” E então agüento firme.

De repente caiu uma grande quantidade de nozes; quando o vento sacudia a folhagem, era como se caísse granizo. Também os pardais as jogavam no chão — aves estinfálicas, com seu bater de asas de